

MEMÓRIAS DO TEMPO DE CRIANÇA:

Um relato de experiência da infância indígena Jeripankó¹

MEMORIES OF CRIANÇA TIME:

A story of the experience of indigenous childhood Jeripankó

Joseilma Gomes Lima (Joseilma Jeripankó)²

Resumo: Eu nasci em 1993 em um povoado chamado Sítio Serra do Engenho, que é uma das sete aldeias do povo Jeripankó. Eu sou indígena Jeripankó, nascida na Serra, natural da cidade de Pariconha AL, sertão do estado. Vivi minha infância em um dos povoados da aldeia, estudei sempre em escola pública, quando vim morar na cidade já tinha terminado o ensino médio. Nesse relato de experiência apresento minhas memórias de infância, lembrando as principais atividades que marcaram esse tempo de ser criança na aldeia.

Palavras-chave: infância; infância indígena; crianças; crianças indígenas.

Abstract: Was born in 1993 and was born in 1993 at the site of Serra do Engenho, which was one of the oldest places in Jeripankó. My native Jeripankó, born in the Serra, natural in the city of Pariconha AL, serves this state. Lived my childhood in one of my childhood lives, I studied at public school, when I lived in my life I was already finished or only slightly later. Nesse relato de experiência apresento minhas memórias de infância, lembrando as principais atividades que marcaram esse tempo de ser criança na aldeia.

Palavras-chave: infância; indigenous childhood; shouted; indigenous cries.

Introdução

Nasci em 10 de Novembro de 1993 no povoado chamado Sítio Serra do Engenho, uma das sete aldeias do povo Jeripankó. Sou indígena Jeripankó, nascida na Serra, parte da cidade de Pariconha-AL, no sertão do estado. A luta pela legalização das terras de nosso povo começou na década de 80, com a persistência de José Carapina. Ao perceber que poderia perder o local onde ele e sua esposa estavam, ele recebeu ajuda do barão de Água Branca para comprar a terra.

¹ Apoio técnico: Grupo de Leitura em Estudos da Infância (GLEI) da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, nas pessoas de Adriana Sandes Araújo, licencianda em História; Khadija Xavier dos Santos e Maria da Glória da Silva, licenciandas em Pedagogia, na mesma universidade.

² Indígena do povo Jeripankó, licencianda em Geografia no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

Até hoje, a batalha pela legalização continua, pois possuímos 1.100 hectares, um direito que buscamos ver reconhecido através da homologação da terra para nossa comunidade.

Minha infância foi vivida na Serra, onde estudei sempre em escola pública. Nos deslocamos para a cidade de Pariconha quando já havia concluído o ensino médio. Minha família era grande, composta por 9 irmãos. Minha mãe, dona de casa, trabalhava na roça e cuidava de todos nós. Conforme eu crescia, lembro-me de ela começar a trabalhar fora de casa, na Escola Municipal Euclides da Cunha, onde estudávamos. Meu pai trabalhava em uma usina de cana de açúcar, e até hoje continua trabalhando lá. As pessoas diziam que eles trabalhavam "no Sul", cortando cana, mas, na verdade, era aqui bem próximo, em Arapiraca, perto de Maceió. Quando criança, eu pensava que o "Sul" era no Sul do Brasil, mas descobri que se referia a esta região próxima.

Este texto foi elaborado a partir do meu relato oral ao Grupo de Leitura em Estudos da Infância (GLEI), da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, onde compartilhei memórias da minha infância, proporcionando um vislumbre da infância indígena Jeripankó.

Tempo de Colher Água

Da minha infância, as lembranças mais vívidas remontam aos 10 ou 11 anos. Uma prática comum entre as crianças da época era buscar água para abastecer nossas casas. Lembro-me da rotina diária de acordar cedo, por volta das 5h ou 6h da manhã, para ir até o Pau d'Alho, uma nascente conhecida como 'minação' pelos locais. A pressa era necessária para evitar as longas filas, já que a fonte era de minação, e era crucial esgotá-la completamente para renovar a água, pois meus genitores nos alertavam sobre o lobo guará que comia sapos nessa fonte.

Acompanhada de minha irmã e meu irmão, Genildo e Josélia, íamos com nossa fiel jumentinha preta pelos estreitos caminhos conhecidos como veredas. A jornada levava cerca de 15 minutos, contornando pedras e árvores. Apesar dos desafios, a jeguinha desempenhava um papel vital, transportando os quatro bujões de 10 litros cada.

A gente ia com a nossa jumentinha preta por muito tempo, por isso ela foi muito guerreira. Nós íamos com essa jeguinha, pelas veredas, que são caminhos que só passavam a pé, e ao lado muitas pedras e árvores praticamente todos os caminhos eram dessa forma. Após pegar essa água, trazia para casa com todo esforço com os bujões batendo nas pedras, mas a gente chegava em casa bem e com água.

Essa jeguinha fez muita história, inclusive de carregar frutas em épocas de fartura - um exemplo disso era a safra da manga, onde colocamos a camgaia (um acessório em que

colocamos bujões pendurados e os caçuás) na minha jumentinha querida e saíamos em busca da colheita, já que essa época havia muita manga, nós coletávamos as frutas em baldes e despejavamos dentro dos caçuás (feito de cipó)

Quando os caçuás estavam cheios, era hora de ir embora desfrutar e se deliciar das belas mangas espadas. Atualmente as mangueiras morreram, não sei o que aconteceu com os pés de mangas, sei que começaram murchar em algumas partes e em seguida tomava de conta da árvore inteira.

Voltando ao assunto no trajeto, era comum desviar dos cercados para evitar danificar as cercas dos outros. Havia sempre o temor do gado nas propriedades, e eu preferia passar pela estrada para evitar problemas com os proprietários. O respeito pela propriedade alheia era uma lição constante, sempre pedindo permissão quando necessário.

Além do Pau d'Alho, o Pinheiro também era uma fonte importante, com água de minação que escorria de um barranco através de raízes penduradas. Pinheiro é uma fonte, num barraco, uma água de minação onde as pessoas com o passar do tempo fizeram de cimento. O interessante dessa fonte é que a gente não vê a minação do chão, ela vem de um barranco. Ela vem pingando por meio de umas raízes penduradas. Como é que a minação vem das raízes?, a gente se perguntava. Consta lá o barranco e aquelas raízes penduradas pingando a água para dentro da fonte que era o pinheiro. Para chegar no Pinheiro tomava uns 10 minutos, porque o Pinheiro é mais próximo do que o Pau d'Alho. Essa água, embora mais próxima, demandava cerca de 10 minutos de caminhada.

A água dessas fontes era essencial para as atividades diárias, desde lavar roupa até a higiene da casa. Lembro-me dos dias de mutirão, quando a comunidade se reunia para limpar as fontes, conscientes de que ali buscávamos nosso bem mais precioso.

Existia uma fonte anteriormente particular, hoje é parte da SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Ela doada pela minha avó Maria Gomes (em memória) para garantir o acesso à água a todos. Antes a fonte era da minha avó, de área particular, com isso a SUDENE fez essa barragem, que não foi uma melhoria e sim um desastre: antes ao redor da fonte eram arborizadas e a água era de uma cor azul maravilhosa, inclusive eu tive um desprazer de escorregar e cair dentro ao pegar água, eu não sabia nada e fiquei tentando sair e não conseguia, mas não demorou muito tempo consegui abraçar uma pedra, e consegui sair, chorando fui até Mainha com medo de apanhar, e ela achar que eu teria pulado de propósito na água. Porém na hora Mainha só perguntou se eu estava bem e eu disse que sim, mas foi desesperador. Após a reconstrução da barragem a água ficou barrenta, lamacenta e com um tempo foi melhorando, porém trouxe um desequilíbrio, porque em época da seca, verão pesado

a barragem baixava muito o volume, e a água vinha com muita sujeira colocava apenas para animais tomarem.

Foi basicamente nessa mesma época que surgiram as cisternas onde o governo federal trouxe esse programa para combater as secas com o armazenamento de água da chuva durante os períodos de estiagem, lembro que os donos das casas contempladas tinham que cavar o buraco onde iria ser feito a cisterna, que armazenam 16 mil litros aproximadamente. Não sei explicar se os donos das cisternas deveriam ganhar alguma renda pra ajudar o pedreiro que iria bater as placas de cimento e montá-las, sei que meu pai e irmãos trabalharam muito, cavando e carregando areia. Fiquei feliz porque iria acabar com nossa peleja de carregar água longe de casa, agora tínhamos acesso ao lado de casa.

Hoje, em 2023, observo com esperança a instalação de uma rede de água na Serra do Engenho, indicando melhorias no acesso à água para a comunidade.

Tempo de ir para a escola

Após carregar a água, íamos para a escola ao meio-dia, retornando à tarde. Meus irmãos mais velhos, de rotina, nos acompanhavam, já que meus pais estavam trabalhando.

A escola não era fechada, qualquer pessoa podia entrar, até mesmo bêbados. Sem portão, talvez pela verba educacional limitada, era um espaço aberto. Brincávamos sob as pinheiras, que faziam um tipo de balanço. Havia muitas brincadeiras e brigas típicas de crianças.

Recordo-me da escola regular, não indígena, que frequentava na época. A estrutura era modesta; lembro-me de comer a merenda com folha de mangueira devido à escassez de pratos e colheres. Essas histórias eu compartilho com minha filha Helloísa hoje, e ela se diverte com as minhas vivências.

Ingressei na escola aos cinco anos, pois não havia creche. Começamos diretamente na primeira série, as séries iniciais do ensino fundamental. A adaptação foi tranquila, conhecendo todas as crianças e as mães dos colegas. O estranho para mim era o professor, que só aparecia quando começou o processo de alfabetização.

Tenho breves flashes em que eu ia toda feliz pra escola, com meu pequeno caderno de capa fina, e meu lápis preto com borracha branca, apenas. Eu toda empolgada com meu material escolar, colocava numa sacola e colocava em minhas costas igual uma mochila, porém muito grata, quando eu corria a sacola com o caderno batia em minhas costas e eu achava isso muito legal. Tinha em mim uma inocência em me sentir bem e realizada com tão pouco. Em seguida, e escola forneceu caderno e pastas para levarmos nossos materiais.

Me deparo com a realidade de hoje, e exigência dos próprios filhos por materiais melhores, mochilas de alto padrão, caderno que não pode ser qualquer um, tudo tem que ter qualidade, isso me faz refletir sobre: Quem tirou a inocência das crianças? Na minha opinião é a sociedade em que convivemos, corrompe a doutrina familiar, a sociedade contemporânea valoriza certos padrões de consumo. No entanto, é importante lembrar que a educação para valores e a preservação da inocência das crianças também têm raízes na família e nos valores transmitidos pelos pais.

Nosso período de estudos não tivemos educação indígena na escola; eram sempre escolas formais sem professores específicos indígenas. Atualmente, a busca é por professores indígenas em escolas destinadas a comunidades indígenas. Na nossa época, bastava ter cursado o ensino médio e o magistério para lecionar.

Hoje as crianças e adolescentes que residem na Aldeia estudam em escola diferenciada, escolas estaduais de educação escolar indígena. Tem a disciplina da cultura na escola José Carapina. Eles desde o início já presenciam e estudam sobre nossa cultura. Já nós que estudamos na escola regular, não tivemos o privilégio em estudar ou ter acesso a uma escola que insere o alunado no mundo sabendo de suas raízes e conhecimento indígena da comunidade desde a infância.

A rotina escolar incluía rezar e cantar o hino ao entrar na sala, práticas que foram se perdendo com o tempo. A influência religiosa era católica, rezando o "Pai Nosso". Na hora do recreio, tínhamos uma música para cantar, indicando o momento de lanchar. Isso foi se perdendo aos poucos e acredito que hoje é difícil encontrar uma escola que tenha esse modelo. Cultuava-se muita religião católica, porque nessa época não conheciam outras religiões.

Próximo à escola, o Bar do Erinho oferecia espaço para brincadeiras e também era onde comíamos a merenda, já que não havia espaço na escola. Era nosso local de diversão, sentando no chão, comendo e conversando. O bar fechou, mas posteriormente foi utilizado para o Projovem, uma oficina de aprendizagem para jovens.

Havia também uma mulher que vendia doces em sua casa, quando não tinha merenda escolar. Mainha deixa uma ordem com a proprietária, que é comadre de Mainha, para que pudessemos pegar doces no intervalo. Eu adorava os flaus (eram geladinhos, dindin, chupchup, alguns nomes em diferentes regiões) e umas bolinhas pequenas de chocolate que pareciam de futebol, tinha um gosto gorduroso, mas pra mim era uma sensação incrível aquele chocolate.

Para mim, a escola era um lugar de diversão. Não me destacava nas matérias; ao crescer, ao revisar minhas atividades, percebia meus erros. Eu ia à escola mais pelo convívio e

brincadeiras do que pelo estudo. Era um tempo de brincar, pois a escola era aberta, mas ainda assim, comparecer era importante naquela época.

Tempo de brincar

Ao chegar da escola, as tardes em casa eram dedicadas às brincadeiras, uma fuga da rotina árdua de carregar água o dia inteiro. Entre risos e, por vezes, pequenos ferimentos nos jogos de bola, a alegria preenchia o período das 17h às 19h. O relato destaca a capacidade de brincar mesmo diante do cansaço, uma prática que, ao envelhecer, torna-se um interessante contraste.

A família, composta por 9 irmãos, se reunia para brincar coletivamente. A seleção dos times era uma cerimônia, onde força, agilidade e escolhas pessoais determinavam as equipes. O queimado, jogo popular, se desenrolava no terreiro, sob o sol que, mesmo não esfriando, ditava o tempo propício para as brincadeiras.

Sobre ter brinquedo como, carrinho ou boneca prontos, eu só fui ter uma boneca com 12 ou 13 anos, que ganhei em troca de tirar a chupeta, chamada de “bibí”. Eu era louca por aquelas bonecas grandes que eu observava em Tacaratu-PE. Deixei a chupeta e ganhei a boneca. Fiquei com ela agarrada vestindo as roupinhas dos recém-nascidos, porque mainha tinha um filho atrás do outro; a cada um ano e meio ou dois anos ela estava tendo parto. Eu usava na boneca a roupinha dos irmãos pequeninos.

Na brincadeira de futebol era um campo de igualdade, onde meninas e meninos jogavam misturados, utilizando bolas improvisadas de sacolas ou meias velhas. A descrição das traves, representadas por chinelos, e das disputas acaloradas, com a participação ativa do pai como árbitro, revela uma época em que a criatividade superava a falta de recursos.

Assim destaco a variedade de brincadeiras, incluindo elástico e esconde-esconde, estes último ganhando vida ao anoitecer, proporcionando um toque de mistério à diversão noturna. A descrição do irmão que se camuflava no chão durante as partidas de esconde-esconde adiciona um elemento de humor às lembranças.

A ausência de divisões de gênero nas brincadeiras é ressaltada como uma característica marcante da época, contrastando com as preocupações atuais. As memórias revelam uma infância despreocupada, distante das influências modernas, onde a inocência prevalecia.

Destacamos a igreja de São Roque em frente de casa, uma igreja, que pertence à outra família porém o terreno é nosso essa igreja é de São Roque que até tempos atuais é existente, feito de madeira, um santinho esculpido à mão e com alguns pregos. É possível tirar

a cabecinha dele. É uma igrejinha bem pequenininha, modelo antigo. Antigamente, eu presenciei, as crianças que faleceram ainda bebezinhas, e que não eram batizadas, seriam enterradas na frente de casa, nessa igrejinha.

Eu vi muito isso e achava que era normal, até porque eu não sabia o que era um cemitério na época. Fazia parte do cenário de brincadeiras, juntamente com o pé de cajueiro, testemunha de acrobacias infantis. Os brinquedos feitos de barro e as improvisações com materiais simples revelam a habilidade das crianças em criar diversão com recursos limitados.

À noite nós jantamos e logo assistíamos em uma televisão de tubo às novelas, e depois íamos dormir. Cada um para sua cama ou então uma cama era dividida por 3 irmãos, uma casinha com 3 cômodos para 9 crianças, mãe e pai.

Aos finais de semana, especificamente aos sábados, a diversão era na casa da minha vó Materna, Maria Gomes. Ela era feirante em Delmiro Gouveia, e quando ela chegava era a alegria de todos os netos. A casa dela era o nosso aconchego, todos os primos brincando, o terreiro da mesma era cheio de animais, de galinha, peru, cachorro e até camaleão ela possuía. As mesma brincadeiras, porém eram somente os primos por parte de vovó, sinto uma grande saudade quando chego na casinha dela, era lá onde saía as mais sinceras risadas de alegria, família reunida em laços de amor e aconchego.

O contexto é enriquecido com detalhes sobre acidentes, como a queda do irmão do cajueiro, e a descrição dos brinquedos feitos pelos meninos, como piões e carrinhos improvisados. Termina com lembrança da primeira boneca, ganha em troca da chupeta, um símbolo das transições da infância e aconchego da vovó sialia.

Essas memórias oferecem um vislumbre cativante de uma infância.

Tempo de infância indígena

A trajetória educacional na infância indígena, especificamente na Escola Euclides da Cunha revela uma experiência singular marcada por desafios e particularidades culturais. O relato autobiográfico apresenta nuances da rotina cotidiana, destacando a obtenção de água como um elemento vital na infância. A coleta diária de água, muitas vezes realizada nas nascentes do Pau d'Alho e do Pinheiro, não apenas garantia o suprimento básico, mas também conferia à comunidade um vínculo intrínseco com a natureza e seus recursos.

Olhando pra trás e vendo essas memórias, eu não considero a minha infância ruim, comparando com as infâncias de hoje. Na verdade, ela foi um pouco ruim porque a gente tinha que ir para a roça, tinha que aprender a cozinhar nova, cuidar de animais, buscar água em riacho,

tanto para tomar água porque não tinha encanação, não tinha cisterna ainda nessa época. Então, era um processo de dificuldade para a gente. Apesar disso, hoje eu vejo como é a infância atualmente, e acho que vivi melhor que as crianças de hoje. A luta persistente pela legalização das terras, iniciada nos anos 80 por José Carapina, evidencia uma dimensão política que permeia a realidade indígena. Os 1.100 hectares reivindicados como direito legítimo expressam a busca contínua pela autonomia territorial e o reconhecimento de suas raízes.

A transição da vida na Serra para a cidade de Pariconha, após concluir o ensino médio, sublinha o enfrentamento das mudanças ambientais e sociais. A narrativa revela uma família numerosa, permeada pelo trabalho na roça e a busca por oportunidades educacionais em meio às adversidades.

A busca por água, elemento vital e precioso, permeia as lembranças da infância. O relato detalhado das rotinas para obtenção de água revela não apenas as dificuldades logísticas, mas também a resiliência e engenhosidade necessárias para garantir esse recurso essencial. A transformação posterior, com a introdução de cisternas e infraestrutura hídrica, destaca a evolução nas condições de vida ao longo do tempo.

Ao adentrar a esfera educacional, compartilho minhas experiências na escola regular. A ausência de professores indígenas e de um currículo que abordasse a cultura local ressalta as lacunas na representatividade e valorização da identidade cultural. A mudança contemporânea, com escolas estaduais de educação indígena, evidencia um progresso na preservação e transmissão da cultura Jeripankó às novas gerações.

Nesse contexto aborda aspectos sociais da infância na escola, desde a falta de estrutura até as peculiaridades da merenda, proporcionando uma visão crítica sobre as condições educacionais da época. O papel do Bar do Erinho como espaço multifuncional, de lazer durante o dia e projeto educacional à noite, destaca a importância de adaptação e reinvenção dos espaços comunitários.

Em suma, o relato oferece uma visão multifacetada da infância indígena, entrelaçando aspectos cotidianos, desafios socioeconômicos e a busca por uma educação que respeite e valorize a rica herança cultural dos Jeripankó.

Sobre a Infância Indígena em Jeripankó

Ao rememorar minha infância indígena em Jeripankó, reconheço os desafios que enfrentamos, como a ida à roça, o aprendizado na cozinha, o cuidado com animais e a busca por água no riacho, um processo desprovido de facilidades, especialmente sem encanamento

ou cisternas naquela época. Apesar dessas dificuldades, ao observar as infâncias contemporâneas, percebo que, de certa forma, vivemos experiências mais ricas.

É notável a liberdade que desfrutávamos. Não éramos compelidos a realizar tarefas específicas; ao contrário, participar da rotina na roça era uma escolha natural. Aos 10 ou 11 anos, dedicávamos parte do tempo a afazeres domésticos antes de nos entregarmos às brincadeiras. O equilíbrio entre trabalho e lazer era fundamental.

Era de costume em época de inverno, plantarmos maniva (que é o caule do pé de mandioca). Minha mãe pegava maniva de outra roça, picotava em média de uns 10 cm. Meu pai fazia a cova e nós colocávamos a maniva picotada em cada cova uma unidade, lembrando o que tínhamos que plantar com o olho para cima, não era o nosso olho tá! Era o da mandioca. Isso me faz recordar de uma velha piada que o meu pai sempre contava: segundo ele, um homem foi plantar mandioca junto com seu colega, porém seu colega era leigo nessa área. Então o homem “falou plante direito com o olho para cima”. Então o colega seguiu ao pé da letra: olhou pra cima e começou a plantar maniva”, nisso todos nós começamos a rir e achar engraçado a situação.

Se não desse tempo plantar toda a maniva íamos para casa deixava para o próximo dia, praticamente eram os mesmos meses da planta do feijão e milho, por isso estávamos sempre presente nos serviços braçais. Meu pai costumava arar a terra com uma égua que tínhamos - isso era serviço mais dos meninos que iam puxando a corda da focinheira e guiavam o animal para o risco sair linheiro. Depois de uns dias de descanso da terra arada, painho pega a máquina de plantar feijão e semeava-as. Em seguida cavava cova para o plantio do milho, eram pra ser plantados apenas 5 a 6 caroços de milho - eu confesso eles relatam de infância que tinha cova que eu colocava mais de 10 para que pudesse acabar rápido e a gente ir para casa.

Com quinze a vinte dias do plantio, tinha que ter a primeira chacha do feijão, arrancar as piruas que são matos pequenos para não sufocar o plantio. Tinha que limpar no mínimo duas vezes. Na época da colheita era legal, juntavam os irmãos e alguns familiares como tios, avós e primos, cada um pegava um eito que é o espaço de uma fileira de milho a outra que dava aproximadamente dois passos grandes uma da outra, entre essa distância ficavam de 5 a 6 fileiras de feijão. Após a colheita fazíamos amontoado de pé de feijão para ser colocado em trouxas de tecidos, para serem levados por nós mesmos até em casa ou em algum terreiro feito em roças, onde era espalhado nesses terreiros e de vez enquanto virávamos para continuar a secar. Quando começar a estralar é porque já está bom de ser batido com um pedaço de madeira feito para esse tipo de batida, sempre movimentos iguais, batendo e girando no fuso horário e anti-horário.

Em seguida retirar toda a casca do feijão, sacudir e peneirar, e logo ensacar, aí entrávamos em ação, era hora de catarmos os caroços espalhados para juntarmos, para quando tiver uma quantidade boa minha mãe trazer pra feira e vender, para comprar nossos materiais de escola do meio do ano letivo, com isso tinha o ensinamento de trabalhar para conquistar! Da mesma forma era época de caju, que inicia a safra em novembro/dezembro. Como de costume, saíamos em busca das roças que eram no Pajeú e chapada. Os cajueiros não eram nossos, era praticamente um pequeno furto, era sempre à tardezinha, tinha dias que enchiam duas sacolas só de castanhas, e dias que não dava tempo descastanhar, então nós levávamos para casa e jogava os cajus para a jumentinha, a égua e uma burra, que ainda estava sendo domesticada.

Sobre as tradições, diferentemente das crianças contemporâneas, não éramos obrigados a dançar o toré. Atualmente, vejo jovens na aldeia se envolvendo voluntariamente nas práticas culturais, como balançar uma garrafinha com pedrinhas, antecipando o prazer que sentirão quando participarem dos rituais mais elaborados na adolescência.

Minha infância incluía conversas noturnas com os avós, especialmente em períodos sem energia elétrica. Reunidos na sala, iluminados por velinhas ou candeieiros, trocávamos histórias e experiências, uma prática que fortalecia os laços familiares e transmitia conhecimentos.

À medida que entramos na adolescência, engajamo-nos mais nas atividades indígenas, conhecendo outras famílias e aprofundando nossos entendimentos sobre Jeripankó. Reflexões sobre a origem da comunidade e suas histórias enriqueceram nosso entendimento do lugar que chamamos de lar. Acredito que a presença constante de líderes indígenas nas comunidades pode fortalecer ainda mais a preservação de nossa cultura.

Na minha infância, o acesso à nossa cultura era limitado em nosso povoado, e precisávamos recorrer às aldeias para vacinas e tratamentos odontológicos. Hoje, percebo a importância da comunicação entre lideranças e moradores para discutir acontecimentos e movimentos. Essa comunicação pode ser uma ferramenta essencial para preservar e promover nossa rica herança cultural.